

## **PROFESSOR *DELIVERY*: O trabalho docente no contexto da pandemia**

### **INTRODUÇÃO**

O mundo, acometido pela pandemia de COVID-19, está experimentando a alteração de comportamentos sociais nos mais diversos segmentos da vida humana, seja na forma de estudar, trabalhar, consumir ou se relacionar em sociedade. Do ponto de vista digital, há quem diga que a pandemia acabou acelerando o uso e a disseminação de tecnologias digitais, em especial as relacionadas ao teletrabalho e a automatização de atividades (MACIENTE, 2020).

Esse fato pode ser percebido no Brasil, dado que, nesse momento de pandemia, houve aumento: do uso da internet entre 40% e 50%, de acordo com Soprana (2020); do uso do celular, sendo o segundo país da América Latina a passar mais tempo no celular durante a pandemia (OPENSIGNAL, 2020); das compras feitas por meio de aplicativos, que cresceram 30% (INSTITUTO LOCOMOTIVA, 2020); da migração das atividades das empresas para canais digitais, pois conforme a Associação de e-Commerce - ABComm (2020) o comércio eletrônico deve crescer 18% em 2020 e movimentar R\$ 106 bilhões.

Se, por um lado, essa onda de digitalização denota avanço tecnológico, por outro, aponta para problemas já recorrentes quanto a exposição às tecnologias, como sobrecarga de informações, cansaço mental, ansiedade, e o que Jauréguiberry (1996), chama de “síndrome do zapeador” caracterizada por um sentimento de onipresença e pelo consumo de informação de forma rápida. Ainda segundo o autor, nesse contexto facilitado por tecnologias digitais

prevalece a ansiedade do tempo perdido e a do último momento, o desejo nunca satisfeito de estar aqui e em outros lugares ao mesmo tempo, o medo de perder algo importante e não ser capaz de fazer tudo, o estresse das escolhas precipitadas e a insatisfação resultante delas, a confusão causada pelo excesso de informações efêmeras, a tensão entre uma crescente instrumentalização do relacionamento com os outros e a busca de sentimentos profundos (JAURÉGUIBERRY, 1996, p.175.)

Sobretudo no âmbito da educação, tem-se visto uma aceleração da implementação de tecnologias digitais para superar os efeitos pertinentes ao isolamento social. Ferramentas e plataformas para o ensino remoto têm sido adotadas em grande escala pelas instituições de ensino e têm alterado as rotinas de pais, alunos e professores. Tais alterações trazem consigo muitas implicações sobre o contexto da precarização do trabalho docente.

Diante do exposto, esse trabalho tem como objetivo central: analisar as repercussões da remotização do trabalho na vida dos docentes da educação básica de escolas particulares, tendo como desdobramentos os objetivos específicos: a) conhecer os principais desafios pertinentes ao trabalho docente remoto na educação básica; b) entender as implicações do contexto da pandemia de COVID-19 no trabalho docente remoto.

Para alcançar os objetivos propostos utilizou-se de uma abordagem qualitativa, na modalidade exploratória, sendo realizadas entrevistas semiestruturadas a professores de diferentes níveis da educação básica da rede privada e cujos dados foram tratados por meio de análise de conteúdo, na qual prevaleceram as categorias analíticas: desafios, saúde e qualidade de vida, à infraestrutura de trabalho, ao trabalho coletivo e o reconhecimento.

## 2 IMPLICAÇÕES DA PANDEMIA NA REMOTIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

A pandemia de COVID-19 vem afetando vários aspectos do comportamento social, como a forma de estudar, trabalhar, consumir, interagir etc. Cada vez mais mediadas pela tecnologia, as relações sociais têm encontrado formas de aproximar-se e de comunicar-se preservando o isolamento social, superando as barreiras geográficas e temporais. Entretanto, a hiperconectividade também tem implicações relacionadas a legitimidade dessas para mediar determinadas interações, como as educacionais, por exemplo, bem como, a precarização e intensificação do trabalho.

### 2.1 MEDIÇÃO TECNOLÓGICA

Durante o contexto pandêmico, viu-se que muitas escolas da rede privada não interromperam suas atividades, apenas alteraram o processo de ensino-aprendizagem para que este fosse intermediado pela tecnologia. Tal fato, pressupõe que tanto alunos como professores têm condições de aderir a essa nova realidade. Todavia, essa adesão implica não apenas em ter acesso aos artefatos tecnológicos, o que por si só já seria um problema no Brasil, mas também ao “empoderamento, fluência, autoria e exercício da cidadania em rede” (MARCON, 2020, p.86).

Ainda segundo Marcon (2020, p.86), três eixos norteiam esse processo, sem os quais não poderia se falar em inclusão digital. O primeiro diz respeito à apropriação/fluência/empoderamento tecnológico, ou seja, ao domínio de “elementos necessários para reconhecer e transitar pela linguagem hipermidiática, condutora da cultura digital”. Este eixo remete ao letramento digital e o seu potencial em rede, para comunicar, educar e politizar. Com isso, emerge o segundo eixo, produção/autoria individual/coletiva de conhecimento e cultura, pois nesse sentido, os sujeitos são além de consumidores críticos, autores/produtores de conhecimento e cultura transmitidos por meio da tecnologia. Por fim, o terceiro eixo refere-se ao exercício da cidadania na rede, de modo que a participação política dos sujeitos e à valorização da diversidade social sejam garantidas.

[...] um processo que fomenta apropriações tecnológicas nas quais os sujeitos são compreendidos como produtores ativos de conhecimento e de cultura, em uma dinâmica reticular que privilegia a vivência de características nucleares na sociedade contemporânea, como a interação, a autoria e a colaboração. Inclusão digital pressupõe o empoderamento por meio das tecnologias, a garantia à equidade social e à valorização da diversidade, suprimindo necessidades individuais e coletivas, visando à transformação das próprias condições de existência e o exercício da cidadania na rede (MARCON, 2015, p. 99).

Goedert e Arndt (2020) alertam que a inserção de tecnologias no planejamento pedagógico devem manifestar um propósito educacional claro e significativo aos sujeitos e não apenas para cumprir o currículo, uma vez que, essa mediação pedagógica representa as ferramentas e as formas de como a realidade histórica e social é representada (GOEDERT, 2019).

### 2.2 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Abrahão e Torres (2004) consideram a organização do trabalho como uma “viga central” para o processo produtivo, pois esta, constituída pela prescrição de normas e regras que definem responsáveis, prazos, quantidade e qualidade no trabalho, desde o planejamento

até a avaliação da produção, estabelece um compromisso social entre as prescrições e os objetivos (modo operatório) com os desafios que o sujeito esbarra ao enfrentar a realidade do trabalho (FERREIRA, 2003).

Some-se a isso, a organização do trabalho também é determinante quanto às condições favoráveis ou danosas para o aparelho psíquico, implicando em aspectos facilitadores ou não da saúde mental do trabalhador (ARAÚJO; ROCHA, 2007). Para Giongo, Monteiro e Sobrosa (2017) a compreensão dos processos de saúde/doença do trabalhador está amplamente relacionada a organização do trabalho e caracterizam rigidez deste elemento como inversamente proporcional à saúde mental.

Trazendo para o contexto da digitalização durante a pandemia, Seagata (2020) acredita que se por um lado o trabalho remoto educacional remete a saúde e cuidado, evitando a exposição ao coronavírus, por outro ele adoece, devido a expansão e complexificação do apelo utilitarista baseado na otimização do tempo dentro de casa.

O fetiche tecnocrático do tempo real que inculcou culpa no ócio, no cuidado de si, no respeito ao tempo da saúde e da doença, garante a outra parte do negócio. Ninguém fica parado sem a sensação de dívida. É preciso executar múltiplas tarefas: responder, informar, se manter inundado de atividades que maximizem o rendimento (SEAGATA 2020, p.169).

Para além disso, o impacto da digitalização é sentido tanto no âmbito individual quanto no coletivo, pois a organização do trabalho assume um caráter formal baseado nas regras e prescrições, mas também compreende as relações entre os indivíduos e movimentam aspectos afetivos, tais como o amor, a solidariedade, a amizade, a confiança, dentre outros, que refletem nos acordos coletivos entre os trabalhadores (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2011) e assim, se manifestam nas formas de como o trabalhador atribui sentido às relações no trabalho, expressado pelo pensar, sentir e agir, seja no âmbito individual ou no coletivo (HOFFMANN; TRAVERSO; ZANINI, 2014).

Nesse sentido, Dejours (2004a, 2004b) entende que o sofrimento é decorrente da ignorância da subjetividade do indivíduo por parte da organização do trabalho e o prazer consequente do desenvolvimento do indivíduo e do coletivo de trabalho, quando se permite a manifestação da criatividade e da inteligência. Além disso, o reconhecimento do trabalho individual, seja por parte da chefia ou dos colegas de trabalho, pode suprimir as angústias, aflições, medos, dúvidas, decepções e desânimo dos trabalhadores dando lugar ao sentimento de prazer (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994).

### **3 METODOLOGIA:**

Gil (1999, p.17) salienta que “o desenvolvimento da pesquisa científica se dá mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e demais procedimentos científicos”. Observados esses aspectos, utilizou-se uma abordagem de natureza qualitativa, na modalidade exploratória e como procedimentos metodológicos, a pesquisa constou de duas etapas distintas, a saber: I) entrevistas semiestruturadas a professores de diferentes níveis da educação básica da rede privada, conforme descrição na Tabela 1, seguindo um roteiro que manteve aberto à possíveis implementações; II) tratamento dos dados por meio de análise de conteúdo.

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados

<b>Entrevistado</b>	<b>Atuação</b>	<b>Área</b>
A1	Ed. Infantil e Fundamental I	Inglês
A2	Fundamental I	Língua Portuguesa e Atendimento Educacional Especializado
A3	Fundamental II	Matemática
A4	Ensino Médio	Língua Portuguesa

Fonte: Elaboração própria

Oliveira *et al.* (2012) consideram que o uso de entrevistas deve ser “apreciado e valorizado, considerando a riqueza de informações que podem ser obtidas e a possibilidade de ampliar o entendimento dos objetos investigados através da interação entre entrevistados e entrevistador”. No entanto, alertam para o uso correto desta técnica que deve ser coerente com a natureza do objeto de estudo e com o problema de pesquisa.

Os discursos gerados a partir da entrevista foram analisados através da técnica de análise de conteúdo, que consiste, segundo Laville e Dionne (1999, p. 214), “em desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação”. Tal técnica exige um procedimento sistemático que se constitui em três passos 1) Recorte dos conteúdos; 2) Definição de categorias analíticas; e 3) Categorização final das unidades de análise (LAVILLE E DIONNE, 1999). No que se refere à categorização das unidades, Laville e Dionne (1999, p. 219) propõe a modalidade aberta, onde “as categorias não são fixas no início, mas tomam forma no curso da própria análise”.

Assim, prevaleceram as categorias analíticas: desafios, saúde e qualidade de vida, à infraestrutura de trabalho, ao trabalho coletivo e o reconhecimento.

#### **4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Para conhecer os desafios e as entender implicações do contexto da pandemia de COVID-19 no trabalho docente remoto é importante conhecer as principais medidas adotadas pelas instituições de ensino, nas quais os entrevistados desta pesquisa trabalham, que embora sejam organizações distintas, seguiram trajetórias semelhantes.

Notou-se que o estabelecimento das atividades remotas aconteceu de forma gradativa, iniciando com atividades assíncronas, muitas vezes informais, baseadas na expectativa de um breve retorno presencial, viabilizadas pelo aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, por e-mails ou plataformas institucionais. Todavia, ao passo que a pandemia se agravava pelo País, também se intensificavam os esforços para definição de medidas mais efetivas para manutenção do processo de ensino-aprendizagem, passando-se a inserir também as atividades síncronas, caracterizadas pelas vídeoaulas intermediadas, principalmente, por *softwares* de videoconferências, como Zoom e Google Classroom.

As medidas supracitadas tiveram implicações nos mais diversos âmbitos da vida pessoal e profissional dos docentes. Dentre os desafios mencionados, destacam-se aspectos relacionados à saúde e qualidade de vida, à infraestrutura de trabalho, ao trabalho coletivo e o reconhecimento.

##### **4.1 DESAFIOS PERCEBIDOS E TRABALHO COLETIVO**

O curto prazo de adaptação às novas convenções do trabalho remoto, a habilidade com as tecnologias, a preocupação com o desenvolvimento dos alunos, emergem como pautas desafiadoras para os professores entrevistados.

Observe-se que o fato de ter que adaptar o currículo para os meios digitais vem permeado, não só pela falta de habilidade com a tecnologia, mas a timidez, a insegurança, a sensação de invasão de privacidade e até mesmo o receio da reprovação por parte dos espectadores das videoaulas gravadas.

Aí, quando eu consegui gravar os vídeos, quando eu tomei coragem também, porque a gente também tava meio receoso de fazer isso, né? Ai que eles vieram com o google sala de aula.

Uma colega minha de ciências, que ela é uma pessoa mais de idade assim....Ah, imagina, ela custou muito a entrar na vídeoaula por causa da vergonha, ela tinha muita vergonha.

A gente tem professores ali que são excelentes professores, mas não entendem nada de tecnologia, né? Então, quando começaram a trabalhar com isso era uma dificuldade imensa, aí tinha umas colegas que diziam: eu não sei nem ligar o computador direito, porque [na escola] elas tinham um auxílio pra fazer, né?!

Então, teve uma adaptação por parte da gente, porque a gente não era treinado para dar aula dessa forma e as aulas que a gente dá não podem ser consideradas EAD, porque a gente tá dando aula que seria a aula presencial, né?

Eu adapto as minhas, mas eu sei que as gurias não conseguem adaptar determinados conteúdos. Então, são aulas presenciais dadas pelo pelo computador, né? Então eh é complicado pra gente publicar pra todo mundo, tanto pros alunos como pra gente.

Começou a surgir uma preocupação porque muitas professoras, eu era uma, que não gostava de gravar vídeo e a gente acabava se sentindo de certa forma, ahh gente via que a nossa a nossa privacidade tava sendo invadida, né? Porque os pais estavam tendo acesso à nossa casa, a nossa fala, fica nossa imagem, aí algumas ainda diziam assim: a gente nem sabe aonde vai parar esses vídeos?

A insegurança expressa no discurso dos entrevistados caracteriza a ausência de empoderamento tecnológico. Assim, se utilizando da concepção de Marcon (2020), pode-se considerar que esse processo de mediação digital estaria comprometido, dada a incompletude no atendimento do eixo apropriação/fluência/empoderamento tecnológico. Muito embora, a organização informal, sustentada pelos contatos entre professores e demais servidores das escolas, tenha desenvolvido estratégias para produção/autoria coletiva de conhecimento e cultura, como se pode notar nos relatos abaixo:

[..] mas aí eu sei que é porque elas são mais velhas, assim, elas não têm como gravar vídeo, elas não sabem fazer nada disso, sabe? Então, o quê que eu fazia? Eu gravava um vídeo no YouTube, passava um link pra elas, elas passaram pros alunos, dizia que era eu, né que tava gravando os vídeos.

Sabe que foi apresentado pra gente ahm foi apresentado pra gente o zoom, né? Foi o agente técnico que trabalha na escola, ele que deu a opção pra nós do Zoom e a gente testou através de reuniões entre nós, as colegas, né?!

[...] e aí eu comecei a passar pras colegas, né? Como que a gente podia traduzir o português porque tava tudo inglês, né? Muitas não sabiam, não sabia nem pra onde começar, o quê que faziam, a questão do compartilhamento de tela, né? De compartilhar porque no início era tudo muito amador, sabe?

Então, a gente teve que se adaptar junto. É, muita coisa nova e num prazo assim que tu não tem, né?

Teve alguns treinamentos, tanto pela escola como entre os professores mesmo. Até eu mesmo, por exemplo, ‘vamos nos encontrar e testar essas ferramentas’.

## 4.2 SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA

Em virtude da rápida modificação da ordem do trabalho no âmbito educacional, a inserção abrupta de tecnologias no planejamento pedagógico parece não ter ficado tão clara como recomendam Goedert e Arndt (2020). Com isso, esses aspectos pertinentes à organização do trabalho refletiram tanto em trabalhos adicionais, como preenchimento de mais planilhas, preparação e edição de mídias digitais, quanto na saúde e qualidade de vida dos trabalhadores devido a sensação trabalho constante que acabou por intensificar os sentimentos de ansiedade e estresse.

Logo no início os alunos dormiam de manhã, fazem atividade de madrugada, era uma função, mas aí também, cabe, né, o papel da família em ajudar na rotina escolar pra que o aluno entenda que segue sendo um ambiente escolar, ainda que virtual.

É insano, é insano para mim isso de trabalhar em casa. Nessa modalidade, né? Porque não existe um horário em que aluno entenda que ele não pode enviar.

[...]eu não sei quantas vezes eu tinha que entrar em aula e dizer assim: pessoal, o nosso período de aula é tal, eu só vou responder os e-mails no horário tal, sabe? Porque, porque senão é vinte e quatro horas e mesmo que eles não mandem, são um milhão de fatores que tã na tua cabeça assim. Então, a sensação que eu tenho é que eu tô sempre trabalhando. Sempre. Sempre. Cem por cento.

Eu hoje tenho muito mais trabalho de preencher, planilha, que eu não tinha antes, para acompanhamento de alunos.

Direto em dia e noite, de manhã e de noite, sentadinha no sofá olhando uma coisa e pesquisando, né? Porque tu tem que achar alguma coisa e cada semana uma aula diferente, cada turma diferente.

Também contribuiu para esse sentimento de estresse, as condições de trabalho em casa, quem nem sempre estavam condicionadas para atender a um ambiente de trabalho:

A aula online era terrível porque se eu ficasse na sala [de casa] era um barulho da casa toda e aí como o menino trabalhava do meu lado, o barulho dele interferia meu, enfim, tudo tinha ser no meu quarto e mesmo no meu quarto não era bom, entendeu?

Mas é tudo péssimo né. Porque não é só um pouco, não é só um dia na semana que a gente vai fazer essas coisas. São vários dias e somando essa falta de de.. ergonomia mesmo, que é o mínimo é ergonomia e conectividade né, é terrível você passar a semana nessa.

É difícil, porque aí a família em casa, agora, hoje mesmo, tá, meus dois sobrinhos em casa, um de quatro e outro de seis. Não param de gritar, não param, ah tão sendo bem complicado.

Somou-se a tudo isso a insegurança quanto a estabilidade no emprego:

Olha, nas primeiras semanas, eu tinha uma preocupação muito grande, porque eu comecei analisar, né? Eu digo assim, bah, já parou pra pensar, a gente não tá dando aula, né? A gente tá só mandando mensagem, a gente sabe que teve um problema muito grande, teve muitos pais, que não queriam mais pagar mensalidade, né?

Então, como eu comecei, né, eu comecei a me perguntar, eu digo, bah, se se ela tem que enxugar o pessoal, né, por onde que vai começar, como que ela vai fazer, né? E eu que recém tinha largado, a turma do quinto ano pra atuar com o projeto e com a sala de recursos, eu comecei a pensar, mas por onde que ela vai começar, né? Por onde ela vai começar, então, eu tinha essa preocupação, mas foi as primeiras dos primeiros dois meses, né?

A gente fica muito apreensivo mesmo porque querendo ou não a gente não sabe o dia de amanhã eh a gente fica pensando ah no meu caso talvez mesclando algumas turmas né?

Eu tive insônia em alguns momentos, mas no início assim. Por medo, sabe? Bah, já era, vou perder meu emprego. Nossa, vou falar uma bobagem em sala de aula, vai virar um meme, vou ser cancelada na internet ... então eu tive uma época de uma ansiedade mais alta que me gerava um pouco de insônia.

Mas é um medo [da demissão] que a gente carrega e que eu vejo que é muito mais da ala feminina do que da masculina.

### 4.3 RECONHECIMENTO

Considerando que o reconhecimento do trabalho pode ser fator promotor de prazer em relação ao trabalho, a ausência deste pode evidenciar a desmotivação. As professoras destacam que embora tenham recebido apoio da escola e da maioria dos pais, a desvalorização do trabalho pode se manifestar, por exemplo, quando os alunos não ligam a câmera durante a aula, quando a autenticidade as avaliações é burlada, ou mesmo, pela falta de garantia de espaço para cada disciplina.

[...] mas a câmera ninguém quer ligar pra mim. Aí, a gente fica de cara, viu, porque você tá falando com as paredes, Tem uma turma que eu tive que tirar foto e mostrar para a escola. Eu falando sozinha, dois períodos do dia falando sozinha, porque ninguém queria ligar pra mim.

"Aí a gente fez uma atividade, assim, chamaram de trabalho avaliativo, que pra mim era uma prova, mas assim não ficou sendo prova nenhuma, porque eles estavam consultando de qualquer jeito mesmo. Tava na nossa frente, com a câmera ligada, consultando... era o pai pegando resposta, a mãe, todo mundo ajudava, sabe? É muito estressante para gente que trabalha do outro lado, A gente se estressa um monte pra fazer essa aula, mais do que se fosse presencial".

Uma preocupação que eu tinha era que nem todas as disciplinas estavam tendo seu espaço, né? [...] E aí eu comecei a me preocupar que se eu não tivesse tendo o meu devido espaço durante essas aulas remotas que isso fosse se perdendo e aí com o tempo eu comecei ter o meu próprio horário.

Destaque-se que tais condições podem repercutir no adoecimento dos trabalhadores, dado que o modo de operar está imbricado à saúde e qualidade de vida destes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível constatar que não foram poucas as repercussões da remotização do trabalho na vida dos docentes da educação básica de escolas particulares. A mudança abrupta na ordem de trabalho, decorrente da pandemia, exigiu das professoras a adaptação, também brusca, para a formulação de conhecimento e cultura possíveis de serem intermediados pela tecnologia. Entretanto, a falta de tempo hábil para planejamento dessas operações de trabalho implicaram em desafios, como:

– Falta de empoderamento tecnológico: uma vez que as professoras não estavam habituadas com essa nova modalidade de trabalho e que havia limitações quanto ao letramento tecnológico, refletindo na forma como produzem e na segurança com que repassam o conteúdo e, conseqüentemente, provoca impactos no aparelho psíquico.

– Saúde e qualidade de vida: os sentimentos como ansiedade e estresse, intensificados pela própria natureza da atividade remota, retratam também os desafios do ambiente doméstico utilizado com local de trabalho, além das angústias, preocupações relacionadas à incerteza inerente ao contexto pandêmico e à estabilidade do emprego.

– Reconhecimento: a valorização do trabalho docente muita embora seja uma queixa antiga, dentro da condição remota, recebe outras nuances.

Para além disso, deve ser ressaltado que a forma encontrada pelos trabalhadores para amenizar os efeitos das alterações repentinas da organização do trabalho foi o apoio no coletivo, a partir do qual surgiu uma rede informal de assistência e compartilhamento de saberes que facilitou, em certa medida, o desempenhar das atividades docentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, J; TORRES, C. Entre a organização do trabalho e o sofrimento: o papel da mediação da atividade. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 067–076, 2004.

ARAÚJO, M. B. .; ROCHA, P. . Trabalho em equipe: um desafio para a consolidação da estratégia em saúde da família. **Ciênc. Saúde Colet**, v. 12, n. 2, p. 455–464, 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE COMÉRCIO ELETRÔNICO. **Comércio eletrônico deve crescer 18% em 2020 e movimentar R\$ 106 bilhões**. Disponível em: <<https://abcomm.org/noticias/comercio-eletronico-deve-crescer-18-em-2020-e-movimentar-r-106-bilhoes/>> Acesso em: 15/07/2020.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do Trabalho - Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

FERREIRA, M. C.; MENDES, A. **Trabalho e riscos de adoecimento: O caso dos auditores fiscais da Previdência Social Brasileira**. 1. ed. Brasília: Edições LPA e FENAFISP, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIONGO, C. R.; MONTEIRO, J. K.; SOBROSA, G. M. . Suinocultor: vivências de prazer e sofrimento no trabalho precário. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, n. 1, p. 1– 11, 2017.

GOEDERT, L. **Práticas de mediação pedagógica online em interlocução com o modelo de comunidade de inquirição**. Tese de Doutorado em Ciências da Educação (Especialidade Tecnologia Educativa). Instituto de Educação, Universidade do Minho, Portugal. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/64649>. Acesso em 20 jun. 2020.

GOEDERT, Lidiane. ARNDT, Klalter Bez Fontana. Mediação pedagógica e educação mediada por tecnologias digitais em tempos de pandemia. **Criar Educação**, Criciúma, v. 9, nº2, Edição Especial 2020.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452.

HOFFMANN, C.; TRAVERSO, L. .; ZANINI, R. . Contexto de trabalho das pessoas com deficiência no serviço público federal: contribuições do inventário sobre trabalho e riscos de adoecimento. **Gestão & Produção**, v. 21, n. 4, p. 707–718, 2014

INSTITUTO LOCOMOTIVA. **Compras por aplicativos têm alta de 30% durante pandemia**. Disponível em: <<https://www.ilocomotiva.com.br/single-post/2020/04/29/AG%C3%84NCIA-BRASIL-Compras-por-aplicativos-t%C3%A4m-alta-de-30-durante-pandemia-diz-pesquisa>> Acesso em: 15/07/2020.

JAURÉGUIBERRY, Francis. (1996). De l'usage usage des téléphones portatifs comme expérience du dédoublement et de l'accélération du temps. **Technologies de information et société**, vol.. 8, n. 2, Paris, p. 169-187.

LAVILLE, C; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre : Artmed; Belo Horizonte : Editora UFMG, 1999.

MACIENTE, Aguinaldo Nogueira. Essencialidade, contato interpessoal, teletrabalho e automação das ocupações no mercado formal brasileiro: riscos e potencialidades advindos da covid-19. **Mercado de Trabalho**. Julho 2020.

MARCON, Karina. Inclusão e exclusão digital em contextos de pandemia: que educação estamos praticando e para quem? **Criar Educação**, Criciúma, v. 9, nº2, Edição Especial 2020.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452.

MARCON, Karina. **A inclusão digital de educadores a distância: Estudo multicaso nas Universidades Abertas do Brasil e de Portugal**. 2015. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

OLIVEIRA, R. R. et al. Qualidade de Vida no Trabalho: estudo com docentes de um Instituto Federal em Relação a Educação Profissional de Jovens e Adultos. In: \_\_\_ALMEIDA, I. B. P.; SANTOS, S. S. (Org.) **Educação Tecnológica: reflexões, teorias e práticas**. Jundiaí: Paco Editorial, p. 185-202, 2012.

OPENSIGNAL. **The State of Mobile Network Experience 2020: One Year Into the 5G Era**. Disponível em: [https://www.opensignal.com/sites/opensignal-com/files/data/reports/pdf-only/data-2020-05/state\\_of\\_mobile\\_experience\\_may\\_2020\\_opensignal\\_3\\_0.pdf](https://www.opensignal.com/sites/opensignal-com/files/data/reports/pdf-only/data-2020-05/state_of_mobile_experience_may_2020_opensignal_3_0.pdf)> Acesso em: 15/07/2020.

SEAGATA, J. A colonização digital do isolamento. **Cadernos de Campo** (São Paulo, online) | vol.29, n.1 | p.163-171 | USP 2020 DOI 10.11606/issn.2316-9133.v29i1p163-171

SOPRANA, Paula. Em três dias de quarentena, consumo de internet fixa sobre 40%. In: **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/em-tres-dias-de-quarentena-consumo-das-redes-de-telefonia-subiu-40.shtml>> Acesso em: 15/07/2020.